

A revolta estudantil de 1968 e a cultura de protesto da geração jovem no romance *Sem Tecto entre Ruínas*, de Augusto Abelaira

The 1968 student revolt and the protest culture of the younger generation in the novel *Sem Tecto, entre Ruínas*, by Augusto Abelaira

INÊS GAMELAS*

PALAVRAS-CHAVE: Movimento estudantil de 1968, Conflito de gerações, Literatura portuguesa, Augusto Abelaira.

KEYWORDS: 1968 Student movement, Generation gap, Portuguese Literature, Augusto Abelaira.

No final da década de 1960, a revolta estudantil de 1968 e a cultura de protesto protagonizada pela geração jovem galgaram as fronteiras de diversos países e, na opinião de Wolfgang Kraushaar, tornaram-se na primeira revolta global após a Segunda Guerra Mundial (cf. Kraushaar, 2000, p. 19). Graças ao acesso globalizado e à informação diversificada proporcionado pelos *media* – sobretudo pela televisão (cf. Tanner, 2008, p. 77) –, o discurso de contestação juvenil internacionalizou-se e encontrou na atitude provocatória e irreverente dos mais jovens a força motriz para o tumulto e a agitação que contribuíram para elevar o ano de 1968 à categoria de ano mítico. Através de barricadas e *sit-in*, da entoação inflamada de cânticos e palavras de ordem, da ocupação de edifícios universitários, da organização de manifestações em massa e outras tantas ações de protesto que chocaram a opinião pública, a juventude uniu-se em torno de uma utopia de transformação transnacional e procurou fazer ouvir a sua voz de indignação.¹

* Aluna de Doutoramento da Universidade de Aveiro e da Justus-Liebig-Universität Gießen (Alemanha), Investigadora em formação do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro. Este artigo enquadra-se no âmbito do projeto de doutoramento da autora, subordinado ao tema das representações do conflito de gerações e da convulsão académica de finais dos anos 60 na literatura europeia. Este projeto realiza-se ao abrigo de uma bolsa de doutoramento mista concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e financiada pelo Fundo Social Europeu e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.»

Na Europa Ocidental em particular, a insurreição juvenil fez-se sentir com intensidade em países como a República Federal da Alemanha, a Itália, o Reino Unido e a França, onde os protestos estudantis rapidamente extrapolaram os muros das universidades e se alastraram às ruas das cidades, assinalando um período de confronto entre a geração jovem e as forças do *establishment*.² Ao elegerem temas quentes como a Guerra do Vietname, a luta pela defesa dos princípios democráticos e a extinção da discriminação racial como bastiões da contestação internacional, os jovens assumiram o seu desejo de apontarem alternativas ao *statu quo* e perfilaram-se como os defensores de um mundo regenerado – um mundo assente na liberdade e no empenhamento político e social, livre da opressão e precursor de uma sociedade global mais justa e humana. Esta dissidência no domínio político foi acompanhada por uma revolução cultural, que ficou marcada pelas várias experiências da «contracultura» (cf. Tanner, 2008, p. 75). Dando largas à sua imaginação, esta nova geração encontrou na indumentária colorida e arrojada, no tom subversivo do *beat* e do *rock'n'roll* e até na própria libertação sexual as formas de expressão de uma linguagem universal de irreverência e de contestação aberta (cf. Goltz, 2011, p. 8). Os *jeans* e os cabelos compridos, a difusão dos movimentos *hippies*, assim como os ritmos frenéticos dos Beatles e dos Rolling Stones, lado a lado com as canções de protesto de Bob Dylan e Joan Baez, fundiram a «cultura pop» com

¹ De acordo com Martin Klimke e Joachim Scharloth os factores que mais contribuíram para o carácter global dos protestos da geração jovem nos finais dos anos 60 são os seguintes: «One of the outstanding historical characteristics of “1968” was that it transgressed the ideological fronts of the Cold War. This “magical year” can be viewed as the climax of various developments that had been set in motion by the immense speed of the social and economic transformations after the Second World War: demographic changes and dramatic increase in university enrolment, a globalization of communication channels, an unprecedented economic prosperity that brought the arrival of consumer society, and a generational gap expressed in differing expectations and hopes for the future» (Klimke / Scharloth, 2008, p. 2).

² Nos anos de 1967 e 1968, foram vários os momentos de tensão nestas democracias ocidentais em que o desafio dos jovens à autoridade dos governos e das instituições estatais subiu de tom e os confrontos se tornaram mais violentos. Prova disso é a contestação dos estudantes nas ruas de Paris durante os acontecimentos do Maio de 68, marcados pelo levantamento das barricadas ou pelas batalhas campais entre a polícia e os mais jovens. Segundo os historiadores Alberto Flores e Marcello De Bernardi, os protestos do Maio de 68 permanecem como símbolo da revolta estudantil de finais dos anos 60 na Europa e no mundo, tendo contribuído para assinalar o papel dos jovens como detonador da transformação da sociedade (cf. Flores / Bernardi, 2003, p. 71).

as motivações políticas e tornaram-se marcas distintivas que ajudaram a cristalizar a imagem do rebelde de 1968.³

Em Portugal, já se sabe, a situação era diferente, uma vez que o regime opressor de António de Oliveira Salazar não autorizava manifestações às claras. Ainda assim, não obstante a gravidade das penas resultantes da afronta direta à ditadura – entre elas a prisão, a tortura e o recrutamento forçado para o combate no Ultramar –, os jovens portugueses tornaram-se, ao longo dos anos 60, nos «novos actores sociais» (Vieira, 2000, p. 201) da contestação em prol de uma mudança da realidade política e sociocultural.⁴ Prova disso são as diversas crises académicas que, nas universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, trouxeram para primeiro plano as tentativas de revolta de uma juventude mais interventiva, com maior preparação intelectual e maior poder económico. No ano de 1962, a proibição governamental da comemoração do Dia do Estudante despertou a indignação dos jovens universitários e deu origem à primeira crise académica da década, aquela que assinalou a «irrupção [da juventude] na cena política como um dos mais combativos sectores da resistência nos anos seguintes» (Rosas, 1994, p. 539). Em 1965, as ações de protesto repetiram-se com grande intensidade, mas foi no ano de 1969 que o país conheceu, a partir da cidade de Coimbra, a maior «crise académica» do Estado Novo: ao organizarem greves aos exames, manifestações em massa e ao encerrarem as faculdades, os estudantes mostraram o seu repúdio não só contra a estrutura elitista da universidade,

³ Sobre o entretecimento das várias tendências da «contracultura» com as motivações políticas e de como esta fusão contribuiu para a vocação contestatária da geração de 1968, leia-se o comentário de Marcello Flores e Alberto De Bernardi: «Sovversione e protesta hanno coinvolto la sfera pubblica e quella privata, la dimensione collettiva e lo spazio individuale. Politica e musica, droga e religione, arte e sesso hanno formato per il mondo giovanile un intreccio che ha cambiato in profondo la propria vita: era inevitabile che la *baby boom generation* riversasse quel mutamento sull'intera società, e cercasse di farlo rapidamente e dovunque» (Flores / Bernardi, 2003, p. 115). [Subversão e protesto atingiram a esfera pública e a privada, a dimensão coletiva e o espaço individual. Política e música, droga e religião, arte e sexo entrelaçaram-se no mundo juvenil e transformaram a sua própria vida: era inevitável que a geração *baby boom* transferisse essa transformação para toda a sociedade e procurasse fazê-lo rapidamente e em toda a parte.]

⁴ O crescente apartamento da juventude portuguesa dos anos 60 face à sociedade salazarista foi denunciado pelo Cardeal Gonçalves Cerejeira – também ele uma figura de referência do Estado Novo –, que no ano de 1967 proferiu as seguintes palavras: «Perdemos a juventude, não podemos contar com a juventude. Se não remediamos isto, tudo se pode perder» (*apud* Mónica, 1996, p. 217).

como também contra a política autoritária do regime e a guerra colonial (cf. Caiado, 1990, p. 194).⁵

No entanto, é importante referir que esta atitude de subversão manifestada por alguns jovens não se circunscreveu à esfera política e também se observou no estilo de vida e nos costumes. Numa década em que o país experienciou uma crescente modernização da economia e uma gradual abertura sociocultural (cf. Vieira, 2000, p. 24), muitos procuraram aproximar-se tanto quanto possível das novas tendências de além-fronteiras: o interesse pela cultura do *rock* e do *yéyé*, bem como a adesão à moda dos cabelos compridos, dos *jeans* e das minissaias evidenciam essa vontade de liberalização da juventude e a sua atitude de desafio ao *ethos* conservador e tradicionalista do Estado Novo.⁶

Na verdade, é precisamente este tempo histórico da libertação da juventude de finais dos anos 60 que se apresenta como pólo irradiador da diegese de *Sem Tecto, entre Ruínas* – um tempo marcado muito particularmente neste romance pelo confronto de gerações vivido no Portugal de 1968, o ano em que a queda de Salazar da cadeira do poder estimulou a uma reflexão de jovens e não-jovens sobre o futuro político do país. Com efeito, é curioso notar como os acontecimentos históricos marcantes da atualidade política e sociocultural de 1968, ao nível nacional e internacional, se entretecem permanentemente

⁵ No estudo *Movimentos Estudantis em Portugal: 1945-1980* (1990), Nuno Caiado refere que a agitação estudantil na Universidade de Coimbra no ano de 1969 se justifica tanto pela forte presença de uma população maioritariamente estudantil naquela cidade – população estudantil essa pertencente sobretudo às classes médias altas, fortemente politizada e a par da realidade nas democracias ocidentais –, como pelo facto de à universidade estar associado um «prestígio político e cultural» reconhecido pela sociedade salazarista (Caiado, 1990, p. 222), que os estudantes portugueses perspetivavam todavia como elitista e ultrapassado.

⁶ Apesar de alguma abertura da sociedade ao exterior e dos esforços dos jovens portugueses em abraçar a «contracultura» juvenil internacional, é de notar que, ao longo dos anos 60, as restrições socioculturais persistiam. Como comenta Maria Filomena Mónica: «Quando, em King's Road, as saias subiam, no Estoril as adolescentes eram obrigadas a usar fatos de banho com largo e longo saiote. Quando, nas caves de Paris, a escuridão era tal que o reconhecimento do parceiro era difícil, as mães portuguesas vigiavam a proximidade entre os corpos dos jovens com atenção maníaca. Quando, nas capelas anglicanas, os pastores abriam os templos a *hippies* de rabo de cavalo, nas igrejas portuguesas as meninas não podiam entrar sem meias de vidro. Quando, em Liverpool, os Beatles faziam andar à roda a cabeça dos adolescentes, em Lisboa vibrava-se com António Calvário. Só muitos anos depois, morto Salazar, os adolescentes conseguiriam organizar um festival de música *pop*» (Mónica, 1996, p. 215).

no fio narrativo e como também são determinantes na definição do comportamento e da trajetória existencial das diversas personagens da geração dos pais e dos filhos do romance. Incapazes de permanecer indiferentes à influência da História, elas vêm-se impelidas a questionar a realidade envolvente e a perscrutar as suas próprias convicções e motivações ideológicas naquele tempo de crise e de incerteza.

Este convite à reflexão histórica e a uma indagação dos diversos problemas da realidade apresenta-se, na verdade, como uma das pedras de toque da produção literária de Augusto Abelaira (cf. Machado, 2003, p. 85), pautada por uma acentuada consciência histórica, pelo ativismo político de esquerda e por uma perspetivação da literatura como meio de intervenção na sociedade. Ao vestir, em simultâneo, a pele de um militante convicto da esquerda comunista e aquela de um «escritor consciente de sua responsabilidade como elemento transformador do mundo» (Coelho, 1973, p. 109), Abelaira assumiu sempre uma posição crítica contra as políticas salazaristas e, mau grado as restrições impostas pela Censura e pela PIDE, jamais se inibiu de transportar para o domínio da ficção a sua preocupação com a mudança do país. Prova disso é o seu primeiro romance, *A Cidade das Flores* (1959), que evidencia o interesse do autor no ativismo político e o papel que atribui à juventude no desafio ao *establishment*. Recorrendo a um tom irónico – uma característica que perpassa a obra neorrealista de Abelaira durante o tempo da ditadura (cf. Reis, 2005, p. 248) –, este romance indaga a ação política da juventude portuguesa no Portugal salazarista, narrando a história de um grupo de estudantes que, na Itália fascista, se questiona sobre o seu papel no derrube do regime ditatorial de Mussolini.⁷ E, em *Sem Tecto, entre Ruínas*, um romance dado à estampa em 1979, mas iniciado em Maio de 1968 (cf. Abelaira, 1979, p. 249),⁸ Abelaira

⁷ Sobre a crítica ao regime salazarista presente em *A Cidade das Flores* (1959), leia-se o comentário de Carlos Machado: «Augusto Abelaira, logo no seu primeiro romance [...], procede à desmistificação da conjuntura política portuguesa, criando um romance cuja ação decorre na cidade de Florença sob o regime fascista de Mussolini. Como o próprio autor diz, a obra visava um alvo bem definido: “quando eu escrevia *Florença* pensava em *Lisboa*, quando escrevia *Mussolini* (que já estava morto e enterrado) pensava em *Salazar*” (Abelaira, 1959, p. 307)» (Machado, 2003, p. 61).

⁸ No posfácio do livro, datado de 1978, Abelaira esclarece que o romance foi elaborado entre Maio de 1968 e antes do 25 de Abril de 1974, com interrupções várias de permeio. Quatro anos mais tarde – e após ter refletido sobre as dúvidas de trazer a público um texto ambientado num passado que sente ultrapassado (cf. Abelaira, 1979, p. 249) –, o autor revela que a principal alteração a que procedeu no romance foi a mudança do

retoma a questão do ativismo juvenil no combate político contra a ditadura salazarista, sendo que nesta obra a vontade de mudança da geração jovem é escrutinada através do olhar de um narrador autodiegético mais velho e mais reflexivo, pertencente à dita geração dos pais.

A ação deste romance encontra-se ambientada na cidade de Lisboa durante o ano de 1968 e cobre os cinco meses críticos desde a notícia dos protestos estudantis em Paris até à tomada de posse de Marcelo Caetano como Presidente do Conselho de Ministros. João Gilberto, o protagonista, é um lisboeta burguês numa idade de transição – com mais de 40 anos –, culto, política e amorosamente descomprometido, cujo olhar nos guia pelo seu quotidiano, num espaço social ligado à realidade urbana da elite burguesa da capital. Movendo-se num círculo atento à agitação política além-fronteiras, com possibilidade de viajar pela Europa, João Gilberto convive com os seus antigos amigos da Universidade, observando e discutindo a uma outra luz a sociedade portuguesa de um Salazar moribundo. Nas diversas tertúlias e conversas ao longo do romance, João Gilberto e os seus amigos Ernesto e Manuela, Maria Eugénia, Bruno e Guilhermina, refletem sobre vivências amorosas mais convencionais ou mais «libertas», rememoram o seu antigo ativismo estudantil, discutem as últimas novidades da cena política nacional e internacional e tentam descortinar o rumo do país naquele ano de iminente transição.

Embora a diegese se organize em torno deste círculo de personagens na casa dos 40 anos, o debate histórico, o discurso da mudança e a discussão da utopia de libertação dos rígidos códigos sociais e de emancipação dos velhos costumes não deixam por isso de se abrir à geração mais jovem. A crise de identidade que vivencia e o desejo de saber quem é e como ocupará o futuro que lhe resta levam João Gilberto a aproximar-se dos filhos dos seus amigos.⁹

título: de *Pré-História* passou a intitular-se *Sem Tecto, entre Ruínas*. Este cita Raul Brandão, sendo o hipotexto desvendado na epígrafe que antecede o romance: «A vida antiga tinha raízes, talvez a futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos – e não cremos ainda. O passado desapareceu, do futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós, sem tecto, entre ruínas, à espera...» (*apud* Abelaira, 1979, p. 7). A sensação de incerteza perante um tempo presente em colapso, aliado a um certo ceticismo em relação ao futuro fazem desta epígrafe, como refere Luís Mourão, «o leit-motiv silencioso de todo o romance» (Mourão, 1986, p. 35).

⁹ De acordo com Edimara Luciana Sartori, a censura, a privação da liberdade, as reservas quanto a uma sociedade de matriz socialista após a revolução ou a perda dos valores culturais de referência são razões que explicam a crise de identidade de João Gilberto e a sua incapacidade de realização pessoal (cf. Sartori, 2008, p. 3).

Conversando nos cafés e passeando pelas ruas de Lisboa com Miguel e a sua namorada, Maria da Graça, bem como com Isabel, João Gilberto convive de perto com uma juventude ávida de arejar a sociedade salazarista, de se libertar do bafio social, moral e político que a impregnava: quer através da ação política, quer através de um estilo de vida irreverente e desprezado.

É claro que, por força da repressão, a irreverência dos jovens portugueses não tinha até então explodido às claras – mas não tardaria a manifestar-se. As discussões políticas desta geração mais jovem e o seu comportamento arrojado, também no plano sexual, são aliás bem reveladores do desejo de libertação e da adesão dos jovens portugueses ao que o professor Herculano dos Santos, a figura mais velha do romance, apelida de «berraria generosa dos filhos-família» (Abelaira, 1979, p. 28), quando se refere à onda de contestação francesa durante o Maio de 68.

Na procura de um rumo existencial naquele tempo público e privado crítico, João Gilberto sente necessidade deste confronto de perspectivas. É que, na verdade, também os quarentões da sua geração tinham, enquanto jovens, integrado o Movimento de Unidade Democrática (MUD)¹⁰ nos anos 40, lutado pela democratização do regime e enfrentado a PIDE. Mas agora, no ano de 1968, já acomodados a um estilo de vida burguês e a um quotidiano marcado pela quietação política, refugiam-se nas discussões e na mera especulação sobre o devir histórico.¹¹ A consciência desta desistência faz com que João Gilberto

¹⁰ O Movimento de Unidade Democrática (MUD) foi um movimento político de oposição ao regime ditatorial de António de Oliveira Salazar, criado logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Motivados pelo derrube das ditaduras de Hitler e Mussolini na Europa, os ativistas deste movimento organizaram diversos comícios contra o Estado Novo por todo o país e expressaram, durante os três anos da sua existência oficial, a sua crítica às políticas repressivas salazaristas, tanto na imprensa escrita como na rádio (cf. Costa, 1996, p. 634). Mesmo sob o risco da prisão ou de outras represálias vindas do poder institucional, os elementos do MUD – muitos deles jovens ávidos de mudança integrados no MUD juvenil – bateram-se por eleições abertas e democráticas, contando com uma forte simpatia popular na tentativa de transformar o regime. No final dos anos 40, o MUD acabou por ser ilegalizado e, com o tempo, dissipou-se também a sua capacidade de mobilização na sociedade.

¹¹ Em *Entre a Utopia e o Apocalipse: Augusto Abelaira e o Fim da História* (2003), Carlos Machado refere-se a esta tendência das personagens dos romances de Abelaira escritos no pré-25 de Abril para idealizar os impulsos revolucionários sentidos durante o tempo do MUD juvenil e contrapõe: «Acontece, porém, que as personagens abelairianas apresentam uma natureza insolúvelmente contraditória. A sua condição sociológica de elementos burgueses revolucionários transformá-los-á em *desertores* antes do início da

comece a interessar-se pelas motivações e objetivos da geração mais jovem na transformação do mundo em que vivem. Movido pela curiosidade em saber se os mais jovens são efetivamente capazes de concretizar a utopia que a sua geração abandonou, aproxima-se de Miguel e Maria da Graça, as duas personagens que, em *Sem Tecto, entre Ruínas*, dão voz a uma juventude política e socialmente empenhada. Miguel, idealista de esquerda, é aquele que assume uma posição mais radicalizada no corte com o *ethos* burguês da geração dos pais. Em termos políticos, bate-se pela revolução e defende a implementação de um sistema democrático não-capitalista, sem partidos e assente em princípios maoístas. Para além disso, abandona a casa dos pais e procura autossustentar-se e viver de forma independente, em consonância com os ideais revolucionários que o orientam. Apesar de menos convicta do que Miguel na sua veia contestatária, Maria da Graça também não se deixa vencer pelo ceticismo do protagonista e tenta convencê-lo do papel impulsionador da geração de 1968 na metamorfose sociopolítica do Portugal salazarista. O excerto seguinte, que apresenta a resposta de Maria da Graça às provocações céticas de João Gilberto quanto às motivações da juventude, ilustra este confronto de mundividências distintas sobre o momento histórico de então:

– Há uma coisa [...] que lhe queria dizer. Aprecio a crítica, o cepticismo activo, até como forma de sujeitar tudo a dúvida para ver se resiste, se as nossas crenças não esconderão mitos inconsistentes. Mas penso também que o cepticismo tende a transformar-se num fim em si mesmo, a apaixonar-se por si mesmo, a traduzir-se em dogma de pura negação. Porque acredito na possibilidade de transformar este mundo... (Abelaira, 1979, p. 195).

Na verdade, o ativismo político e a utopia de transformação são dois dos aspetos que moldam a imagem da geração jovem de *Sem Tecto, entre Ruínas*. No entanto, o espírito de contestação juvenil não se confina apenas às questões políticas e abre-se também à experiência da emancipação sexual e da revolução de costumes vivida nos finais dos anos 60 em Portugal e no estrangeiro. De entre o leque das figuras jovens portuguesas, é Isabel quem dá corpo à rebeldia sexual extremada, não mostrando qualquer pudor em admitir que já passou por uma experiência traumática de aborto, que toma a pílula e que se

revolução. A descrença e o cepticismo relativamente à mudança do estado de coisas são marcas características destas personagens [...]» (Machado, 2003, p. 159).

entrega ao sexo sem compromissos. De facto, é por estar ciente da relação falhada dos pais – fiéis, mas infelizes, unidos apenas para continuar a garantir a subsistência de um casamento assente nas aparências –, que Isabel opta pelo amor livre como forma de protesto contra este modelo de vida. Numa das conversas que tem com João Gilberto, a jovem portuguesa confronta o protagonista com esta afirmação: «Divirto-me. Estive ontem a fazer as contas. Já fui para a cama com dezanove homens. Às vezes acabados de conhecer e sem me despertarem nenhum interesse (*ibid.*, p. 233)». A atitude de insurreição da jovem é consciencializada por João Gilberto que lhe responde: «[...] Faze o que quiseres, mas receio que tenhas escolhido essa vida apenas para protestar contra não sei quê. E há outras maneiras de protestar. Até ir para a cama com dezanove homens, mas se isso for uma alegria, não uma imolação. E então é legítimo (*ibid.*, p. 235)».

É interessante notar que a via mais alternativa e descomprometida da revolução sexual, assente nos princípios do *peace & love* e da livre fruição das sensações, também marca presença no romance. Durante uma viagem de férias a Itália, é na companhia de Brigitte e Hans, dois jovens alemães, que João Gilberto experimenta o «amor a três» e se deixa fascinar pela onda *hippy* do *carpe diem* hedonista, tão em voga entre os jovens de 1968 fora das fronteiras de Portugal. Já em Lisboa, o próprio protagonista faz questão de relatar à conservadora Manuela esta experiência:

– Quer que lhe conte? Dois jovens pediram-me boleia. [...] Bom, parei o automóvel junto do lago. E ela disse: «Porque não tomamos banho?» Aproximámo-nos da água. E começou a despir-se: a blusa sem *soutien* por baixo, as calças, a nudez completa, tão brilhante como a Lua, apenas um colar como esse. Ele também se despiu e fiquei a vê-los correr para o banho. Percebo que se abraçam, um cheiro não sei a que ervas familiares. E quando ela regressa, diz: «Porque não toma banho?» Nua à minha frente. Respondi que a água devia estar muito fria. «Tem vergonha de se despir?» Dispo-me, descubro pela primeira vez que a Lua também faz sombra, que tenho sombra à luz da Lua. E avanço lentamente para o lago precedido pela sombra e é a sombra que entra primeiro. [...] Quando regresso, deitaram-se, fico a vê-los a amarem-se, sinto-me violentado por aquela visão. Minto: tranquilo, observando o corpo da Brigitte, a maneira como Hans a afaga, lhe beija o peito, acarícia o sexo, o doce movimento que a Brigitte faz ao abrir as pernas. Como entra nela e o rosto transfigurado da Brigitte, um rosto diferente do rosto que lhe conhecera, um rosto inquietante. E de súbito, tão cedo!, ele estremece, curva-se: Ficam os dois assim em silêncio não sei já quanto tempo.

E então ela abre os olhos, olha para mim, estende-me a mão. O Hans compreendeu, afastou-se, a Brigitte aperta-me contra ela (Abelaira, 1979, pp. 174-175).

É curioso notar como todas estas experiências juvenis – sejam de insubordinação política, sejam de libertação sexual – não só inquietam João Gilberto, como o estimulam a refletir sobre a juventude daquela época. De facto, nas conversas do protagonista com os elementos da sua geração – conversas essas em que o tema do papel da juventude na mudança histórica é de facto um assunto incontornável –, torna-se evidente a constante necessidade do protagonista em tentar descobrir o que significa ser-se jovem, de forma a poder encontrar uma resposta para a pergunta que incessantemente o atormenta: «Que vou fazer à minha vida, eu que ainda tenho à minha frente vinte ou trinta anos para encher?» (*ibid.*, p. 240). Em certa medida, a aproximação do protagonista às figuras mais jovens traduz essa sede de revisitação das ilusões do passado, numa tentativa de encontrar uma solução para o colapso dos valores e a perda de figuras de referência num presente «em ruínas». Ainda assim, e apesar dessa aproximação, o contraste geracional é notório, uma vez que não se vislumbram por parte de João Gilberto os sinais de confiança no futuro manifestados pela juventude. Como comenta Edimara Luciana Sartori:

Talvez seja essa crença na transformação deste mundo que falta a João Gilberto quando sabe da grave doença de Salazar, que traria, enfim, a esperança na construção de um mundo novo. Contudo, a notícia não lhe causa nenhuma emoção, embora tivesse sonhado a vida toda com aquele momento: leu a notícia no jornal, durante a sua viagem de férias a Como, quase indiferente [...]. Esse sentimento de João Gilberto reflete um desencantamento prévio em relação ao seu futuro e ao do país, talvez a consciência de que não há mais lugar para as ilusões (Sartori, 2007, pp. 124-125).

No fundo, é esta esperança no futuro que motiva alguns dos jovens de *Sem Tecto, entre Ruínas* a procurar alternativas ao conservadorismo político e sociocultural da sociedade salazarista. De forma mais ou menos convicta, a sua vocação contestatária manifesta-se tanto através do ativismo político como do desafio aos valores burgueses do mundo dos pais. A radicalização do pensamento político ou as experiências no âmbito da revolução sexual e de costumes apresentam-se como marcas desse crescente distanciamento da juventude em relação ao *statu quo* e assinalam igualmente o conflito geracional daquela época.

Através de um olhar matizado sobre a juventude de finais dos anos 60, desenha-se em *Sem Tecto, entre Ruínas* o retrato de uma geração jovem marcada tanto pelo seu desejo de transformar o mundo como pelas incoerências e contradições reveladas nessa tentativa de pôr fim ao mofo do passado. Ao singularizarem-se os comportamentos dissidentes de cada jovem, as suas expectativas e anseios, saltam para primeiro plano as diferentes motivações de uma juventude multifacetada e aberta ao exterior, que protagonizou o confronto com a ordem estabelecida e se propôs como força de mudança naquele ano de 1968.

Referências bibliográficas

- ABELAIRA, Augusto (1979). *Sem Tecto, entre Ruínas*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- CAIADO, Nuno (1990). *Movimentos estudantis em Portugal: 1945-1980*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- COELHO, Nelly Novaes (1973). «Augusto Abelaira: “Consciência Histórica” de uma Geração» in: *Escritores Portugueses*. São Paulo: Edições Quíron, p. 79-118.
- COSTA, Fernando (1996). «Movimento de Unidade Democrática (MUD)», in: ROSAS, Fernando / BRITO, J. M. Brandão de (dir.). *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 634-637.
- FLORES, Marcello / BERNARDI, Alberto de (2003). *Il Sessantotto*. Bologna: Il Mulino. [2ª ed.].
- GOLTZ, Anna von der (2011). «Introduction. Generational belonging and the ‘68ers’ in Europe», in: GOLTZ, Anna von der (ed.). “Talkin’ ‘bout my generation”: *Conflicts of generation building and Europe’s ‘1968’*. Vol. 6: Göttinger Studien zur Generationsforschung. Göttingen: Wallstein Verlag.
- KLIMKE, Martin / SCHARLOTH, Joachim (2008). «1968 in Europe. An Introduction», in: KLIMKE, Martin / SCHARLOTH, Joachim (eds.). *1968 in Europe: A History of Protest and Activism, 1956-1977*. New York / London: Palgrave Macmillan, pp. 1-9.
- KRAUSHAAR, Wolfgang (2000). *1968 als Mythos, Chiffre und Zäsur*. Hamburg: Hamburger Edition.
- MACHADO, Carlos (2003). *Entre a Utopia e o Apocalipse: Augusto Abelaira e o Fim da História*. Coimbra: Editora Angelus Novus.
- MARWICK, Arthur (1998). *The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy, and the United States, c.1958-c.1974*. Oxford / New York: Oxford University Press.

- MÓNICA, Maria Filomena (1996). «A Evolução dos Costumes em Portugal, 1960-1995», in: BARRETO, António (org.). *A Situação Social em Portugal 1960-1995*. Lisboa: Universidade de Lisboa/ Instituto de Ciências Sociais, pp. 215-231.
- MOURÃO, Luís (Outubro de 1986). «Augusto Abelaira: A Palha e o Resto», *Cadernos de Literatura*, n.º 24, pp. 35-36.
- REIS, Carlos (dir.) (2005). *História Crítica da Literatura Portuguesa. Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo*. Vol. IX. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo.
- ROSAS, Fernando (1994). *História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974)*. Vol. VII. *História de Portugal* (dir. José Mattoso). Lisboa: Círculo de Leitores.
- SARTORI, Edimara Luciana (2007). *Imagens Líquidas na Obra de Augusto Abelaira: Sujeito e História na Pós-Modernidade* (Tese de doutoramento). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, URL: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/SartoriEL.pdf>. (Acesso em 18-03-2018).
- (2008). «De Brandão a Abelaira: um Tempo de Desesperança», in: *Actas do XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo, Universidade de São Paulo, pp. 1-7. URL: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/076/EDIMARA_SARTORI.pdf. (Acesso em 18-03-2017).
- TANNER, Jakob (2008). «Motions and Emotions», in: KLIMKE, Martin / SCHARLOTH, Joachim (eds.). *1968 in Europe: A History of Protest and Activism, 1956-1977*. New York / London: Palgrave Macmillan, pp. 71-80.
- VIEIRA, Joaquim (2000). *Portugal Século XX. Crónica em Imagens: 1960-1970*. Lisboa: Círculo de Leitores.

TÍTULO: A revolta estudantil de 1968 e a cultura de protesto da geração jovem no romance *Sem Tecto entre Ruínas*, de Augusto Abelaira

RESUMO: A convulsão política, social e cultural na Europa Ocidental durante a segunda metade da década de 1960 ficou marcada pelos protestos juvenis contra o *establishment*, que atingiram o seu clímax emblemático em 1968, o ano-pivô da agitação (cf. Marwick, 1998, p. 585). Não obstante as medidas repressivas do Estado Novo, também em Portugal foram vários os sinais da subversão e dissidência juvenis.

O ano de 1968 apresenta-se como o tempo histórico de *Sem Tecto, entre Ruínas*, de Augusto Abelaira. Neste romance, repercutem-se as vivências individuais e colectivas de jovens e quarentões que experienciaram com expectativa o ano da queda de Salazar. A agitação política nacional e internacional de 1968, o confronto sociocultural entre a geração dos pais e a dos filhos, bem como a revolução sexual e de costumes protagonizada pela juventude de finais dos anos 60 são questões que a acção do romance convoca e que procurarei explorar através de uma «leitura cultural» no presente artigo.

Por último, também o significado de «o que é ser jovem» naquele contexto histórico e sociocultural de (re)definição identitária será objecto de reflexão.

TITLE: The 1968 student revolt and the protest culture of the younger generation in the novel *Sem Tecto, entre Ruínas*, by Augusto Abelaira

ABSTRACT: The political, social and cultural turmoil that took place in Western Europe during the second half of the 1960s was branded by youth protests against the establishment, which reached their peak in 1968, a “pivotal year” of the upheaval (Marwick, 1998, p. 585). Despite the repressive measures of the *Estado Novo* (the dictatorship administration in Portugal at the time), many were the signs of dissidence and subversion among young people.

The year of 1968 is the historical time of *Sem Tecto, entre Ruínas*, by Augusto Abelaira. This novel bears witness to the individual and collective experiences of young and middle-aged characters who lived with expectation the year Salazar fell from his chair. The national and international political turmoil of 1968, the socio-cultural gap between the parents’ and the children’s generations, as well as the sexual and customs revolution led by the late 1960s youth are issues brought forth by the novel’s plot. In this article, I will attempt to explore these issues through a cultural reading of the novel. Lastly, I will reflect on the meaning of what it means to be young in that historical and socio-cultural context of identity (re)definition.